

# AS TÉCNICAS DE HUMOR NAS CHARGES DO JORNAL TRIBUNA DO NORTE<sup>1</sup>

Jociane da Silva Luciano (UFRN)  
jocianesilva\_rn@hotmail.com

## Introdução

É cada vez mais evidente no universo acadêmico, o interesse de se trabalhar com gêneros humorísticos, dentre eles podemos citar: a charge, a tirinha, o cartum e as histórias em quadrinhos, que pertencem ao mesmo campo discursivo – o humorístico, entretanto apresentam características peculiares que os diferenciam<sup>2</sup>.

A charge muitas vezes é vista como um gênero que está recoberto por um discurso de que não há muito mais o que se dizer a seu respeito, que quase tudo sobre ela já foi dito dada a quantidade de trabalhos que a têm como objeto, no entanto em relação ao estudo do discurso humorístico, principalmente das técnicas de humor, observa-se que há um grande campo a ser explorado, por isso o nosso estudo tem como objetivo analisar o funcionamento do gênero discursivo *charge*, a partir do reconhecimento e análise das técnicas de humor utilizadas para gerar os efeitos de sentido pretendidos, pois observamos que há uma mescla entre o humorístico e o linguístico que, a nosso ver, merece ser contemplada, tendo em vista que a inter-relação entre ambos constitui uma manifestação atuante em nossa sociedade, servindo como seu reflexo ideológico e até mesmo como libertador em situações conflituosas. Para tanto, utilizamos os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso Francesa para a realização da pesquisa. Especificamente sobre as técnicas de humor, apoiamos-nos em Propp (1992) para identificarmos e compreendermos as técnicas de humor e como estas funcionam no gênero *charge* gerando os possíveis efeitos de sentido. Com base nesse objetivo selecionamos três charges retiradas do jornal Tribuna do Norte, que tratam de episódios referentes à gestão da prefeita Mícarla de Souza na cidade do Natal-RN, no ano de 2012.

O artigo se organiza da seguinte maneira: primeiramente, a introdução, que apresenta a contextualização da pesquisa, o referencial teórico, bem como os objetivos da investigação. Na segunda seção desenvolvemos os pressupostos teóricos, buscando compreender as características que constituem o gênero discursivo *charge* e mostrando as diferenças existentes entre os gêneros humorísticos, além de expormos também algumas considerações sobre o humor, tendo em vista que a charge é um gênero que visa causar uma crítica por meio desse recurso. Na terceira seção, analisamos as charges selecionadas e, por último, propomos as nossas considerações finais.

## 1. O gênero discursivo *charge*: características e diferenciações

Para Maingueneau (1997), os gêneros do discurso são dispositivos sociais de enunciação do discurso, é uma realidade empírica resultante da articulação entre a organização textual e o fenômeno social, desse modo, é sob essa perspectiva que trabalharemos com o gênero humorístico da mídia escrita – a charge.

O termo charge é francês e vem de charger que significa carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (SILVA, 2004). Ainda de acordo com a autora, a charge surgiu

---

<sup>1</sup> Artigo produzido a partir da dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o título **O discurso humorístico nas charges da tribuna do norte**, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cellina Rodrigues Muniz.

<sup>2</sup> Ver seção sobre charge.

formalmente na França, como uma forma de protesto a não liberdade de imprensa, sempre controlada rigorosamente pelo Estado, ou seja, desde a antiguidade os sujeitos já se valiam das charges para criticar algo que estava ocorrendo na sociedade, naquele caso, a falta de liberdade de expressão. Por apresentar exatamente esse caráter combativo, a charge possui atualmente lugar de destaque em jornais (como é o caso do suporte das charges da nossa investigação - o jornal Tribuna do Norte), nas revistas e na Internet.

O gênero discursivo charge apresenta algumas características marcantes que apontam uma identidade própria: o caráter temporal, uma vez que a charge trata de fatos do dia, ou seja, de acontecimentos que são notícia em um determinado momento da história, sendo por isso efêmera; a caricatura, que segundo Rabaça & Barbosa (1978) se define como uma forma de arte que se expressa através do desenho, da pintura, da escultura, etc., cuja finalidade é o humor, a distorção e o uso de poucos traços. É importante deixar claro que a caricatura não pode ser vista como charge, mas sim como um dos recursos mais fortes que compõem esse gênero, a caricatura é uma representação que usa um personagem com estratégicas distorções gráficas, já a charge pode usar a caricatura, mas além de um personagem trabalha o fato ligado a um espaço e tempo. A sátira, que pode ser considerada como uma técnica artística que ridiculariza um determinado tema, geralmente como forma de intervenção política ou outra, com o objetivo de provocar ou evitar uma mudança; e a ironia, que incide em dizer o contrário daquilo que se pensa, por meio desta, pode-se zombar de alguém ou de alguma coisa, com vista a obter uma reação do leitor ou interlocutor, a ironia pode ser utilizada com o objetivo de denunciar, criticar ou censurar algo.

Romualdo (2000, p. 01) elenca ainda como características da charge a “manifestação comunicativa condensada de múltiplas informações e a contemporaneidade”. Essas características elencadas são muito pertinentes, tendo em vista que em uma única charge, o leitor pode se deparar com uma gama de informações sobre um mesmo tema ou até mesmo sobre temas diferentes, tudo isso transmitido apenas por meio de um desenho e pequenas falas. Uma mesma charge pode denunciar/satirizar diversos problemas de uma mesma cidade.

Outra característica não menos importante é a organização com base na relação da linguagem verbal e não verbal, ou seja, um texto em que essas manifestações discursivas participam da construção dos efeitos de sentido dos discursos que são veiculados. A charge tem importância, como texto verbo-visual, dentro do núcleo opinativo do jornalismo onde reparte espaço com outros elementos, como comentários, resenhas e colunas de autores importantes. A densidade das charges é um fator de extrema relevância, pois todos os elementos que aparecem nela são carregados de intencionalidade e sentido, desde o plano de fundo, considerado muitas vezes como função paisagística, até as caricaturas e o imbricamento verbal e não verbal. A gama de informações presentes faz com que ela seja um texto de interpretação refinada, pois todos os elementos que a constituem têm um significado, formando uma espécie de quebra-cabeça que precisa ser montado para que possa emergir a opinião, e possivelmente a crítica e o humor.

Consideramos importante tratarmos também da diferença existente entre a charge e outros gêneros humorísticos que também compartilham da linguagem do universo dos quadrinhos, pois muitas vezes esses gêneros são comumente tratados de maneiras iguais e não o são.

Podemos evidenciar a troca terminológica nos conceitos dados pelo dicionário Aurélio (2001) que define a charge como um “cartum em que se faz crítica social e política”, dando indicação para se conferir o verbete “cartum” que é conceituado como um desenho humorístico. Já a tira é mencionada enquanto “cada uma das faixas horizontais de uma história em quadrinhos” e esta como “sequência dinâmica de desenhos (quadrinhos), em geral com legendas, que contam uma história”.

Apesar de apresentarem características que lhe são comuns (os textos são visuais, humorísticos e opinativos), esses gêneros apresentam também diferenças que são percebidas no uso. Ramos (2010) faz a diferença entre os gêneros humorísticos. Primeiramente, o autor traz os quadrinhos como um hipergênero, isto é, um grande rótulo que agregaria diversos gêneros como charges, cartuns, tirinhas cômicas e os diversos modos de histórias em quadrinhos. Dessa forma, a charge é descrita como um texto de humor que aborda um fato ou tema ligado ao noticiário, recriando-o de maneira ficcional e estabelecendo relações com a notícia e é por emitir posicionamentos que, muitas vezes, a charge está localizada na página de opinião ao lado de artigos de opinião e editoriais ou em área reservada ao tema “política”. Conforme o autor, a principal diferença entre charge e cartum seria o fato de a charge estar ligada ao noticiário diferentemente do cartum, este retrata-se como um desenho humorístico que pode ou não ter trecho verbal e que “brinca”/reflete acerca de alguma situação do cotidiano, não havendo, via de regra, viés político ou ligação com fatos do noticiário. Já a tira cômica, que apresenta outras denominações, caracteriza-se pelo formato sequenciado de pequena extensão de quadrinhos, tendo o humor como marca registrada e podendo ter ou não personagens fixos.

A partir da sua organização e funções a charge tem a capacidade de iluminar aquilo que estava oculto, revelar o encoberto, destronar o poderoso e coroar os humildes. Desse modo, configura-se como importante elemento gráfico de crítica no jornalismo de opinião.

## **2. Falando sério: o humor nas charges**

A Análise do Discurso de Escola Francesa, graças aos estudos fundadores de Michel Pêcheux na década de 1960, aliados posteriormente às pesquisas de Michel Foucault e Mikhail Bakhtin, ensejaram novos e arrojados rumos aos estudos da linguagem, descerrando inúmeras perspectivas temáticas antes deixadas de lado, talvez por falta de um aparato investigativo e metodológico adequado. Dentre esses temas, identificamos o discurso humorístico nas charges, discurso que passa, então, a ser veículo de discussões sérias e de grande relevância para a sociedade, muito embora essas se deem em meio a um tom humorístico, tão característico do gênero chargístico.

O humor é uma condição humana e manifesta-se numa dimensão linguística e discursiva. E ainda que não se encontre em todas as manifestações discursivas, necessariamente, passa pela linguagem (MUNIZ, 2013). Há quem diga que a capacidade de compreender e procurar solucionar as estruturas linguísticas, sociais e culturais que compõem o humor é uma das poucas e valiosas qualidades que nos diferenciam dos outros seres vivos.

O humor pode ser entendido como uma ferramenta social, pois descortina aquilo que poderia estar encoberto pelos discursos considerados sérios. De acordo com Brait (2008, p. 17) o discurso humorístico “possibilita o desnudamento de determinados aspectos culturais, sociais ou mesmo estéticos, encobertos pelos discursos mais sérios e, muitas vezes, bem menos críticos”. Ele desmascara assuntos e trata de temas tabus que se instauram histórico-socialmente, esses temas muitas vezes não podem ser tratados da mesma maneira em outros campos discursivos, como por exemplo, o religioso, o científico ou o político. É como se existisse uma espécie de contrato entre a sociedade e o campo humorístico para que a charge possa tratar de determinados assuntos polêmicos.

O discurso humorístico aborda um sem número de questões que se relacionam direta ou indiretamente com temáticas e polêmicas sociais e culturais as mais diversas: políticas, religiosas, as de natureza moral e/ou ética, costumes, tradições, valores, dogmas, tabus, preconceitos e estereótipos. Esses últimos, por sua vez, são atravessados por discursos que se sobrepõem a outros discursos, trazendo à margem do dito coisas que se ditam fora da esfera da

piada ou do campo humorístico causaria uma gama muito vasta de problemas num mundo onde a tirania do politicamente correto goza de certo prestígio.

Conforme assevera Possenti (2010), o texto humorístico não inova naquilo que se refere à sua pauta temática, haja vista que todo dito é um já-dito, e o humor está permanentemente visitando discursos que já são contemplados nos círculos populares. Entretanto, não se pode deixar de perceber que há sim uma inovação na forma como esses discursos são tratados na dinâmica chargística, no acontecimento de sua volta (FOUCAULT, 1996). É graças a essa possibilidade que a charge proporciona tratar de temas social e culturalmente tidos como “delicados” e contundentes, vemos no contexto chargístico a abordagem de questões consideradas polêmicas como, pedofilia na Igreja, corrupção e escândalos políticos, homossexualismo e religião etc., temas que o humor parece amortecer o tenso, pesado e forte impacto que eles teriam se outra fosse a forma de tratamento.

A forma como os discursos se constituem no processo sócio-histórico e cultural espalha as marcas desse percurso, marcas que se materializam nos valores que caracterizam uma dada sociedade e que se emaranham ideologicamente através do discurso, por meio de tudo que é efetivamente dito e até nas razões que levam algo a não ser dito. Orlandi (2001), na sua definição de discurso enquanto efeito de sentido entre interlocutores em uma dada situação histórica, foca nesse processo de constituição do discurso, de modo que nos ajuda a entender, inclusive, como o discurso humorístico se estrutura ao romper certas regras socioculturais que, veladamente ou não, determinam o que pode e o que não pode ser dito.

Saliba (2002, p. 18), por sua vez, pontua que “o humor constitui uma forma de representação privilegiada da história das sociedades”, na medida em que levanta o véu que antes ocultava todo um vasto cenário de preconceitos, valores, tabus, proibições, interdições, que se materializam nos diversos gêneros humorísticos do campo do humor: piadas, charges, tiras, comédias, sátiras etc., inclusive evidenciando suas modificações através dos tempos.

### 3. Análises e resultados

O objetivo geral dessa seção é apresentar uma análise das técnicas de humor presentes nas charges do jornal Tribuna do Norte, compreendendo-as como estratégias de construção do risível, ou seja, construtoras dos possíveis efeitos de comicidade que instituem o discurso humorístico.

Vejamos a primeira charge<sup>3</sup>:



<sup>3</sup> Charge publicada no jornal Tribuna do Norte, no dia 19 de julho de 2012.

Na charge acima, evidenciamos a presença de um único personagem: a figura de uma caveira sentada em uma pedra tocando um instrumento musical – o violão e, ao seu lado, uma foice. Ao fundo do desenho temos a imagem da ponte Newton Navarro, localizada na cidade do Natal, também conhecida como a “Ponte de Todos”. Devido a sua altura e imponência, logo virou atração turística, tornando-se um dos pontos famosos da cidade. A ponte liga os bairros da Zona Norte de Natal e os municípios do litoral norte do estado aos bairros da Zona leste e do litoral sul. A charge mostra-se na cor cinza e preta o que acentua ainda mais a atmosfera de apreensão que se constrói, ao passo que, o cinza remete ao céu nublado que serve de metáfora em nossa sociedade para sentimentos de preocupação, angústia e apreensão e o preto está associado mesmo à morte, ao sombrio, ao mal e outras conotações negativas, essas cores ligam-se também ao desconhecido.

Observamos que essa charge se organiza pela junção da linguagem verbal com o não verbal: o verbal é composto por uma legenda no canto esquerdo da charge: “Natal é a capital brasileira onde mais cresceu a taxa de homicídios de jovens” e ainda pela fala da caveira: “Nossa linda juventudeeeee!!!”. Recorrendo ao nosso conhecimento de mundo, relacionamos a figura da caveira juntamente com a foice a ideia de morte. As inferências que realizamos para compreender o surgimento da charge foi o considerável aumento do número de homicídios entre os jovens na capital potiguar, principalmente na área da zona norte da capital, por isso, a presença da imagem da ponte Newton Navarro.

Para o promotor de Justiça e Coordenador do Centro de Apoio Operacional às Promotorias da Infância e Juventude (Caop), Leonardo Nagashima, “a divulgação dos resultados da pesquisa é importante para a articulação dos órgãos responsáveis pela estruturação e cobrança de políticas públicas para o setor”<sup>4</sup>. Essa situação converge para inúmeros fatos causadores, um deles é o descaso da gestão pública municipal para com a segurança e os jovens da cidade.

Compreendemos que nessa charge, o chargista constrói o efeito humorístico usando da técnica de humor nomeada de ironia. Observamos que a caveira está tocando e cantando uma canção que diz “Nossa linda juventudeeeee!!!”, percebemos a marca da ironia nesses enunciados, essa técnica consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e o que realmente pensamos. Nesse caso, zomba-se de alguma coisa com vista a obter uma reação do leitor.

Contudo, o riso e os possíveis efeitos de comicidade na charge se dão ainda pela utilização de outra técnica – a paródia. Propp nos diz que:

A paródia consiste na imitação das características exteriores de um fenômeno qualquer de vida (das maneiras de uma pessoa, dos procedimentos artísticos, etc.), de modo a ocultar ou negar o sentido interior daquilo que é submetido à parodização. [...] a paródia representa *um meio de desvendamento da inconsistência interior* do que é parodiado. (1992, p. 84-85)

O chargista parodia a letra de uma música nacional. A música original intitulada “Linda Juventude” é de composição de Flávio Venturini e Márcio Borges e interpretada pela banda mineira– 14 BIS e tocou muito nas rádios no início dos anos 80. Por meio dessa paródia que é considerada por Propp (1992) como um dos instrumentos mais poderosos de sátira social é que a charge consegue alcançar sua finalidade: criticar pelo viés do humor algo que estava acontecendo na sociedade naquele determinado momento. A paródia é cômica

---

<sup>4</sup> Disponível em: <http://tribunadonorte.com.br/noticia/homicidios-de-jovens-crescem-837-5/226161>. Acesso em: 12/09/2013.

quando revela a fragilidade interior do que é parodiado, aqui nós temos a fragilidade da segurança, que é o ponto alvo para a produção da charge. Segue a letra da música:

“Zabelê, Zumbi, Besouro/ Vespa fabricando mel/ Guardo teu tesouro/ Joia marrom/ Raça como nossa cor.../ Nossa linda juventude/ Página de um livro bom/ Canta que te quero/ Cais e calor/ Claro como o sol raiou/ Claro como o sol raiou.../ Maravilha, juventude/ Pobre de mim, pobre de nós/ Via Láctea, brilha por nós/ Vidas pequenas na esquina.../ Fado, sina, lei, tesouro/ Canta que te quero bem/ Brilha que te quero/ Luz andaluz/ Massa como o nosso amor.../ Nossa linda juventude/ Página de um livro bom/ Canta que quero cais e calor/ Claro como o sol raiou/ Claro como o sol raiou.../ Maravilha, juventude/ Tudo de mim, tudo de nós/ Via Láctea, brilha por nós/ Vidas bonitas da esquina...”<sup>5</sup>.

Compreendemos a contradição entre a letra da música e a realidade que a charge nos transmite. Enquanto na música temos "Nossa linda juventude/ Página de um livro bom/ Canta que te quero cais e calor/ Claro como o sol raiou/ Claro como o sol raiou", construída por meio de metáforas, o autor da música mostra que a nossa juventude é uma coisa linda, que se compara a página de um livro bom que gostamos de ler e ainda que tem a claridade irradiante capaz de contagiar os que estão ao seu redor, assim como faz o astro solar. É uma época mágica na vida de uma pessoa, um período de descobertas, mas que infelizmente, assim como retrata a charge está sendo interrompida e então como é que podemos “ler” essa mesma história que está deixando de ser linda? Os jovens estão sendo mortos cada vez mais cedo e consequentemente impedidos de viver momentos que poderiam ser de muita felicidade.

Então, a charge em questão traz uma triste realidade e que por meio da paródia pode tornar-se algo risível. Nesse caso, temos a presença do riso cínico (aquele decorrente da tragédia), que aqui é o homicídio praticado contra os jovens. Propp (1992, p. 160) afirma que “psicologicamente o riso maldoso aproxima-se do riso cínico [...], mas sua substância é profundamente diferente. O riso maldoso está ligado a defeitos falsos e o riso cínico prende-se ao prazer pela desgraça alheia”. O objetivo do chargista é criticar a gestão da prefeita Micarla pela crise na insegurança, mas isso se faz através da menção da morte.

Nestas circunstâncias, vale ressaltar que o riso pode ser suscitado ou não. Se o leitor, por exemplo, faz parte desse cenário trágico e perdeu um ente querido, neste de maneira nenhuma poderá ser provocado o riso. O riso torna-se impossível quando percebemos no outro um sofrimento verdadeiro, e se apesar disso alguém ri, sentimos indignação, esse riso atestaria a monstruosidade de quem ri.

Segunda charge<sup>6</sup>:



<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.vagalume.com.br/14-bis/linda-juventude.html#ixzz2kS6VbCEC>. Acesso em: 12/09/2013.

<sup>6</sup> Charge publicada no jornal Tribuna do Norte, no dia 15 de julho de 2012.

Na charge acima, temos a imagem de um carro trafegando em determinada estrada ou via pública, essa está cheia de buracos, alguns bem grandes. Vemos que o carro não está nem na mão da direita, nem na da esquerda, mas sim no meio da pista, em cima da faixa, isso porque não há como andar em meio a tantas crateras. No que diz respeito ao verbal temos um único balão de fala em que o motorista do carro diz: “Uni – duni- tê; Sala – me – minguê; o buraco escolhido pra eu cair foi você!”.

Para compreendermos melhor o porquê dos elementos acima aparecerem na charge, vejamos o contexto de produção do enunciado. Essa charge trata dos buracos na cidade do Natal, tema esse que obteve tanta repercussão que acabou possibilitando o surgimento de várias charges. Um fator que ajudou no alastramento dos buracos foram as chuvas, que no período de julho são sempre constantes em Natal. Elas fizeram com que muitos dos buracos ficassem invisíveis aos olhos dos motoristas, motoqueiros ou ciclistas, que acabavam caindo dentro dos mesmos, por não saberem se estavam rasos ou fundos.

Mais uma vez o chargista critica uma situação do cenário natalense ligada diretamente à má administração do governo da prefeita Mícarla de Sousa e isso se dá por meio da ironia, da paródia e do exagero. Verificamos a ironia presente no enunciado proferido pelo motorista, pois ele está escolhendo o buraco em que quer cair, mas o que realmente aspirava era que pudesse trafegar livremente e sem nenhum tipo de constrangimento no caminho, é o que acontece nessa técnica, diz-se o contrário daquilo que realmente se quer dizer.

Temos mais uma vez a utilização da técnica de humor denominada de paródia, nessa ocasião há a relação de intertextualidade tanto com a consagrada música infantil “Uni, duni, tê” do antigo grupo “Trem da alegria”, em que o refrão que foi parodiado diz: “Uni duni duni tê, ô ô ô ô/ Salamê minguê, ô ô ô ô/ Sorvete colorê/ Sonho encantado onde está você?”, assim como com a parlenda: “Uni, duni, tê, Salamê, minguê. O sorvete é colorê, O escolhido foi você!”.

No texto original e no trecho parodiado na charge, temos a contradição entre os opostos “sonho” versus “pesadelo”, primeiramente a letra da música trata por meio de uma linguagem conotativa de um mundo de magia, em que as crianças estão em busca dos seus sonhos encantados. Já na charge, o que o indivíduo está vivendo é um verdadeiro pesadelo, e ao invés de escolher o sonho que poderia viver, ele escolhe um buraco para cair, a vida dele não é de magia e sim de desengano. O texto de humor baseia-se em pontos de outro texto já firmado. Ao tratar da paródia, Peruzzolo (2010) nos diz que os significados e sentidos são retomados pelo observador de outros sentidos que já foram produzidos em outro lugar e que são de conhecimento do mesmo observador. Ocorre no humor um rompimento do processo lógico de produção que é esperado, este rompimento surpreende, provocando assim o riso.

Compreendemos também que nessa charge o motorista ri da sua própria desgraça, ou seja, ele ri de si mesmo, pois ele é o protagonista da situação. A esse respeito o autor Santi (2003), mencionando Bakhtin, afirma que:

No humor das festas populares, Bakhtin encontra uma atitude avessa a qualquer dogmatismo ou restrição à conduta. Uma das características mais importantes do riso seria a possibilidade de o burlador rir de si mesmo; ao incluir-se na sátira, o sujeito não se coloca num ponto de vista exterior ao mundo observado, mas nele se inclui (2003, p. 45).

O exagero, que inclusive é uma das características da charge, também está expresso e serve de motor para o aspecto risível que se apresenta, tendo em vista que essa característica faz o texto engraçado acoplado ao teor axiológico veiculado. Não se pode rir do exagero puro e simples, contudo apenas se ele estiver aliado com o acento de valor carimbado sobre a

charge, pois sua força reside exatamente sobre ele. Assim como afirma Propp (1992, p. 88) “o exagero é cômico apenas quando desnuda um defeito. Se este não existe, o exagero já não se enquadra no domínio da comicidade”. É a questão dos inúmeros buracos que impedem o tráfego na cidade do Natal que permite o exagero e este se direciona para um viés cômico.

Vejamos a terceira charge<sup>7</sup>:



Nesse texto chargístico, temos a figura de um personagem masculino, possivelmente espantado, pela expressão em seu rosto. Além deste, temos o desenho de vários sacos de lixo, com moscas voando ao redor e ao fundo vários prédios, o que nos faz entender que a área onde se passa a situação é uma área urbana, mais precisamente a cidade do Natal. A parte verbal é composta por dois textos, primeiro uma legenda no canto superior esquerdo em que consta: “ Prefeitura de Natal: Se você olhar, você vai ver”, e ainda a forma de balão de fala cujo apêndice se direciona para a figura masculina que diz: “Ver como? Com essa montanha de lixo atrapalhando?”. Retomemos as condições de produção que propiciaram o aparecimento dessa charge.

A charge foi publicada no dia 23 de setembro de 2012, período em que Natal passou por muitos problemas no que diz respeito a grande quantidade de lixo que encontrava-se espalhada pelas ruas. A situação foi complicando-se no decorrer dos meses e o acúmulo de lixo nas avenidas tornou-se grandioso, para muitos chegou-se a um estado de calamidade pública, a causa foi a deficitária coleta de lixo na cidade que em determinado momento chegou até a ser totalmente paralisada, por conta da falta de pagamento do salário dos funcionários terceirizados. A cada dia que a cidade passava sem coleta, o lixo acumulado nas ruas chegava em torno de 750 toneladas e, quando chovia as dificuldades aumentavam ainda mais, pois ocorria o entupimento das galerias, calhas e canais de água pluviais, causando alagamentos.

O problema afetou tanto a periferia de Natal, assim como as suas principais avenidas, ocasionando odor e o risco de infestação de insetos. O gerente da Companhia de Serviços Urbanos (Urbana) relatou que para cada dia de paralisação da coleta de lixo domiciliar são necessários dez dias para a regularização do serviço.

Lembramos que o personagem está representado em forma de caricatura, fazemos essa inferência pela marca dos grandes olhos e boca e pelo enorme nariz. A caricatura é marca registrada do gênero charge e é uma das formas fundamentais do exagero, que segundo Propp (1992) são a caricatura, a hipérbole e o grotesco.

Toma-se um pormenor, um detalhe; esse detalhe é exagerado de modo a atrair para si uma atenção exclusiva, enquanto todas as demais características

<sup>7</sup> Charge publicada no jornal Tribuna do Norte, no dia 23 de setembro de 2012.



de quem ou daquilo que é submetido à caricaturização a partir desse momento são canceladas (1992, p. 88).

Assim, capta-se um pormenor que às vezes era imperceptível e através do aumento de suas dimensões torna-o evidente para todos.

A legenda na charge “Prefeitura de Natal: se você olhar, você vai ver” era o slogan<sup>8</sup> da prefeitura de Natal, veiculado nas rádios e televisão, como também nas campanhas realizadas por esse governo.

Sobre os slogans, Possenti (2009) diz que:

Os *slogans*, em especial os políticos, e mais especialmente os veiculados em campanhas eleitorais, retomam *slogans* anteriores, de outras campanhas, ou são construídos a partir de enunciados correntes, sejam eles de ordem ética e moral, sejam os lugares-comuns que resumem ideologias partidárias, o que os coloca no domínio das relações intertextuais e interdiscursivas (2009, p. 127).

O slogan apresenta uma sonoridade rítmica com a combinação de fonemas que se repetem em toda a frase, é o caso da consoante “v”. Esse ritmo chama a atenção do leitor.

Esse slogan gerou muitas críticas por parte da população, tendo em vista que no final das contas eles não estavam vendo nada, pois a prefeita não tinha feito muita coisa. A gestão fez exatamente o contrário do que transmitia o slogan e outros acabaram sendo criados pelo povo, como os que seguem: “Se você olhar, você vai ver o descaso, a miséria e corrupção” e ainda “Se você olhar, você não vai ver... contrapartidas”<sup>9</sup>.

Ainda através desse slogan, o próprio governo faz o cidadão de tolo. Assim, temos a técnica do rebaixamento do outro, que Propp (1992) intitula de “fazer alguém de bobo”. No campo humorístico, o ato de fazer alguém de bobo é muito comum, por isso esse procedimento é considerado um dos mais marcantes nos gêneros humorísticos. Para esse autor, a presença de dois personagens possibilita o desenvolvimento de um conflito, de uma luta ou de uma intriga, a luta pode ser travada entre personagens centrais positivos e negativos, ou entre duas figuras negativas, o que não é o que acontece com a charge em questão, essa está dentro dos casos em que aquele que é feito de bobo parece não ser culpado, embora todos riam dele, já que o cidadão não tem culpa pelo fato das ruas e vias públicas estarem cheias de lixo, os verdadeiros culpados são os governantes.

O cidadão é enganado, pois ele não consegue ver os serviços e obras realizadas pela prefeitura devido a pilha de lixo que está na sua frente e também por não haver serviços prestados para serem vistos. Para reforçar ainda mais o rebaixamento do cidadão, ele nem mesmo afirma o seu dizer e sim faz uma interrogação, então ele é apresentado como burro (adjetivo que carrega o sentido de pouca inteligência, estupidez, uma pessoa burra é aquela que não consegue entender e avaliar o que lhe é transmitido).

## Considerações finais

Assim como vimos, é cada vez mais comum o estudo dos gêneros humorísticos nas diversas áreas de conhecimento. Este trabalho teve por objetivo investigar o funcionamento do discurso humorístico em charges, mais precisamente nas charges do jornal Tribuna do

---

<sup>8</sup> De acordo com o Dicionário Aurélio (2001) slogan é uma palavra ou frase usada com frequência, e em geral associada à propaganda.

<sup>9</sup> Fonte: <http://lauritaarruda.com.br/se-voce-olhar-voce-nao-vai-ver-contrapartidas/98494>. Acesso em: 21/09/2013.

Norte, durante o ano de 2012, sob o enfoque teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa.

Possenti (2010, p.28) diz que quando os textos humorísticos surgem em torno de acontecimentos “visíveis” que os fazem proliferar, sua interpretação depende, em boa medida, de um saber bastante preciso relativo a tais acontecimentos, aí está a importância do tratamento das condições de produção. Entendemos que as condições de produção não implicam apenas em um exterior de ordem empírica, localizadas fora da linguagem e que a ela são somadas para significar, mas que são constitutivas da mesma é que por isso, podemos falar em discurso. É importante que silencemos para ouvir, o que não está materializado, porém existe no discurso e produz efeitos de sentido. Todo o processo de elaboração das charges pelo autor teve como base, uma notícia ou acontecimento. É interesse da Análise do Discurso mostrar que todo texto se constitui sempre em determinadas condições de produção e que cabe ao analista descrevê-las e analisá-las.

Entendemos que o humor tem suas regras, seu universo e suas funções. Este não deixa de ter algum papel, de retratar à sua maneira os fatos e as pessoas (exagerando-os, caricaturando-os e ridicularizando-os).

De acordo com Propp (1992) é preciso descobrir o que é engraçado e para isso existem alguns procedimentos determinados que devem ser estudados. Nosso corpus mostrou determinadas técnicas linguísticas e discursivas que levam ao efeito do riso e da comicidade. Identificamos e interpretamos nas charges as técnicas da paródia, com a imitação das características exteriores de um fenômeno; rebaixamento do outro, com o ato de fazer alguém de bobo, ou ainda inferiorizá-lo em relação aos demais e da ironia, dizendo o contrário daquilo que se pensa, deixando entender uma distância intencional entre aquilo que dizemos e o que realmente pensamos.

Salientamos que o humor não é considerado como uma técnica, mas como um efeito de sentido que posto em jogo pode produzir o riso, que é o índice da comicidade, do inesperado, daquilo que surpreende. É o efeito da linguagem que está diretamente relacionado à equivocidade da/na língua, pois é pela possibilidade de jogo, que o sentido pode vir a ser outro.

## REFERÊNCIAS

BRAIT, B. **Ironia em Perspectiva Polifônica**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **O minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1997.

MUNIZ, Cellina. **Na tal cidade do humor**. Natal: Sebo Vermelho, 2013.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PERUZZOLO, Adair C. **Entender Persuasão**. Curitiba, PR: Ed. Honoris Causa, 2010.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

PROPP, V. **Comichidade e riso**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

RABAÇA, C. A. & BARBOSA, G. **Dicionário de Comunicação**. Codecri, 1978.

RAMOS, Paulo. **A Leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo**. Maringá: Eduem, 2000.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTI, P. L. R. de. **A crítica ao EU na modernidade em Montaigne e Freud**. São Paulo: Casa do psicólogo: FAPESP, 2003.

SILVA, C. L. M. e. **O trabalho com charges na sala de aula**. Pelotas, RGS: UFRGS, 2004.